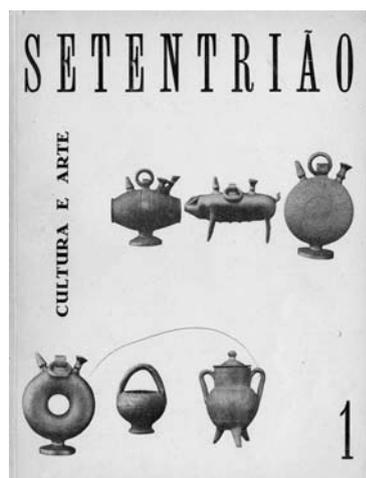


**GRÊMIO LITERÁRIO
VILA-REALENSE**

MOVIMENTO SETENTRIÃO

Elísio Amaral Neves



Vila Real, 2009

Em 8 de Setembro de 1962, numa entrevista ao *Diário Ilustrado*, António Cabral refere que a Revista *Setentrião*, de que já tinham saído três números, era uma publicação de gente nova resultante de «um bate-papo à mesa de um café de Vila Real», onde se reuniam entre outros, e para além dele próprio, Eurico Figueiredo, José Vasconcelos Viana, Nuno Barreto e Eduardo Guerra Carneiro. Tratava-se de uma tertúlia informal surgida três ou quatro anos antes, onde as questões da cultura trasmontano-duriense eram recorrentemente debatidas.

Dada a distância (física e intelectual) a que Vila Real ficava dos principais centros culturais do país, António Cabral reconhecia que Trás-os-Montes vivia «num claro abandono e consequente alheamento daquelas realizações culturais que, nada havendo a pôr-lhes termo, continuarão a ser uma causa de mediocridade, quer no que se refere ao contacto com as linhas mestras da cultura contemporânea, quer no que se refere a iniciativas locais, sempre necessárias e a única prova real de valor». Descontente com este estado de coisas, aquele grupo entendia que havia que fazer algo pela região e com isso consciencializar os trasmontanos e alto-durienses para as suas potencialidades culturais.

Hoje, conhecido o percurso dos diferentes intervenientes, podemos dizer com pouca margem de erro que a entrevista mais não é do que o enumerar das razões do envolvimento de António Cabral, que, nas palavras de António Barreto, para além «do veterano era, em certo sentido, o mentor do grupo».

O Movimento Setentrião (e “Movimento” é expressão sempre presente, dado que os seus elementos nunca se acomodaram à simples publicação de uma revista) deveu-se a diferentes factores e circunstâncias e, no que respeita às preocupações expressas por António Cabral, teve um antecedente próximo incontornável.

Em 21 de Abril de 1957, iniciou-se a publicação do “Miradouro das Letras”, um suplemento literário do jornal *Ordem Nova* (que, embora afecto à União Nacional, e por essa razão obrigado a manter uma postura marcadamente política, manteve desde o seu início – talvez porque dirigido à época por um homem de cultura, Júlio Teixeira, historiador e genealogista – um razoável espaço de cultura).

Na apresentação do referido suplemento, José Gonçalves de Oliveira, funcionário dos Correios e simultaneamente poeta que publicava com grande regularidade no jornal, e que com António Cabral partilhava por essa altura a responsabilidade do suplemento, refere que a ideia havia surgido de um soneto, “O Mar e as Águias”, que dedicara a António Cabral a pretexto do livro homónimo deste, e de duas cartas abertas trocadas entre ambos.

Gonçalinho de Oliveira recordava dessa maneira a importância da carta que António Cabral lhe dirigira no aparecimento deste suplemento literário. Escrevera António Cabral: «Nos últimos anos houve por aqui uns razoáveis bafejos literários, aquando da entrada em cena dos Jogos Florais que o Clube de Vila Real num gesto que muito o prestigia, em boa hora organizou. Uma autêntica injeção de cultura! (...) a tentativa mais séria de saneamento no que respeita às coisas das letras.» E, um pouco antes: «E não lhe parece que é tempo de se abrirem bem os olhos para a Literatura como alguém em boa hora, os quer fazer abrir para a Música por meio da Pró-Arte?» (referência à iniciativa nacional dirigida por Ivo Cruz que, no que respeita a Vila Real, iniciou as suas actividades em 1953, ano em que tiveram igualmente lugar os primeiros jogos florais organizados pelo Clube de Vila Real). Rematando, deixava uma «pergunta indiscreta»: «Porque se não arranja em Vila Real, na capital de Trás-os-Montes, já não digo um jornal de letras, mas ao menos uma páginazinha literária num dos três semanários de que se pode orgulhar?»

O suplemento, de periodicidade irregular, que se abria a todas as correntes literárias e mais tarde integrou a rede “Convívio” de Afonso Cautela, publicou 51 números entre 21 de Abril de 1957 e 13 de Março de 1960 e nele vemos colaborar alguns dos nomes mais tarde envolvidos no projecto *Setentrião*. Assim, para além dos dois coordenadores e de referências ao trabalho de Rebelo Bonito, que também vamos encontrar na revista, deram colaboração Nelson Vilela, José Dias Baptista, Alberto Miranda, Dinis Chaves, João de Araújo Correia, Casimiro de Brito, Ângelo Minhava, Joaquim Barros Ferreira, M. Granjo de Matos e Nuno Barreto.

Como se disse, o Movimento resultou não de uma, mas de várias circunstâncias, as já referidas por António Cabral e outras que o percurso de cada um dos principais protagonistas permite facilmente identificar.

António Barreto, delegado da revista em Coimbra e à época aluno de Direito, recorda que os encontros ganhavam uma dimensão especial nas férias. «Queríamos estudar melhor a região, desejávamos levar a voz de Trás-os-Montes aos círculos intelectuais e jornalísticos nacionais. Lutávamos para romper o círculo de silêncio e de rotina que se vivia em Vila Real. Sufocávamos, mas lutávamos contra isso.»

Nas tertúlias mais ou menos intelectuais que tinham lugar na esplanada e também no interior da Pastelaria Gomes, na casa de Ascenso Gomes, numa sala por baixo da Casa de Saúde de Vila Real, clínica do pai de Eurico Figueiredo, no Café Toca da Raposa, prossegue António Barreto, «projectávamos revistas e outras produções, (...) dizíamos poemas, escrevíamos textos parecidos com os “cadavre-exquis” dos surrealistas, bebíamos, desafiávamos as raparigas da cidade...»

Nuno Barreto, delegado da revista no Porto e aluno de Belas-Artes (inicialmente, por equívoco, de Economia), era o artista do grupo e a ele se ficou a dever a sugestão do nome *Setentrião*, posteriormente submetida a escrutínio e aprovada.

Vasconcelos Viana, coordenador da revista em Lisboa e aluno de Direito, era o homem do teatro, que se havia destacado na Festa da Academia de 1958, e ao teatro ficaria para sempre ligado, já que partilhou a sua vida profissional na TAP com a de actor profissional, pertencendo, entre outras, às companhias Teatro Aberto, Maria Matos, Ad Hoc.

Eurico Figueiredo, aluno de Medicina em Lisboa, é um caso à parte. As suas motivações eram as mesmas dos outros mas também, ou sobretudo, a política. Como alguns dos outros, também ele investiu individualmente no projecto. Militante do Partido Comunista Português, reconheceu haver no Movimento também espaço para a política e, como admite hoje, foi este o factor determinante da sua adesão. Em sua opinião, o grupo incluía gente de esquerda que ouvia música, lia Torga, Lorca, discutia pintura e filosofia. Formara-se um grupo a que não faltou quem associasse motivações de natureza esotérica, droga e homossexualidade. Inteligentes, souberam tirar partido das insinuações e divertiram-se muito com elas.

Eurico Figueiredo, no primeiro número da Revista *Setentrião*, assumiria a responsabilidade pelo programa do Movimento. Num oportuníssimo artigo a que deu o título “Sobre a necessidade de núcleos culturais activos na Província”, enumera todo um conjunto de acções que entendia dever ser levado a cabo pelas elites universitárias, a quem competiria a responsabilidade por «(...) um desenvolvimento sem desvirtuar as características regionais de raiz popular (...) melhorar o nível intelectual do nosso povo (...) acelerar a campanha de melhoria das condições económicas e de saúde existentes no nosso país.» Estavam lançadas as bases de um trabalho político. Mas este trabalho em Vila Real teria de ficar para outros, já que as greves e luto académico de 1962 lhe tomaram todo o tempo a partir de Março desse mesmo ano. Presidente da Pró-Associação de Medicina e membro do Conselho Académico da Universidade Clássica

de Lisboa, Eurico Figueiredo, orador notável e estratega nato, vai à luta com outros companheiros e dirige uma das mais importantes movimentações académicas de sempre, com as consequências naturais à época de ter sido agredido e finalmente preso – curiosamente no Café Gelo, em Lisboa, de onde sairia também o único intelectual do Movimento Setentrião estranho a Vila Real, Carlos Loures. De Lisboa chegam a Vila Real notícias da sua libertação, bem como da de António Barreto, e em plenas férias de Verão, ambos estão de novo nesta cidade onde são recebidos na esplanada da Pastelaria Gomes pelos companheiros de tertúlia, que fizeram uma pausa nas suas preocupações culturais para os ouvirem sobre os acontecimentos em Lisboa e Coimbra, e particularmente sobre a sua experiência na prisão.

Ascenso Gomes, antigo aluno de Medicina em Lisboa e melómano, era já à época explicador de Matemática na sua casa da Rua Camilo Castelo Branco, n.º 18, e por essa razão um daqueles em quem era reconhecida experiência de vida. Mantendo relações privilegiadas com Carlos Loures, acompanhará muito de perto, como coordenador, a edição do n.º 2-3 da revista, de que será também autor da capa. Era também um dos elementos que melhor sabiam tirar partido do lado lúdico da tertúlia – a conversa, o convívio, os passeios, os lanches quase diários e para os quais não eram necessários especiais pretextos intelectuais. E é por este lado que virão alguns que, sendo ou não intelectuais, tiveram igualmente papel relevante na coesão do Movimento e asseguraram o melhor do companheirismo: Jorge Rocha, Pompeu Delfim Cramez, Eugénio Costa Lobo, Raul Branco, Manuel Areias, Francisco Lebres, entre outros. Todos eles antigos alunos do Liceu Nacional Camilo Castelo Branco e alguns deles (Pompeu Cramez, Raul Branco, Ascenso Gomes) participantes no lançamento da mais antiga “confraria gastronómica” do país, “De Pyjames”, fundada em 1956.

Eduardo Guerra Carneiro, um jovem muito talentoso, jornalista e futuro escritor (autor de mais de uma dezena de obras, entre as quais *Isto Anda Tudo Ligado*), frequentava o antigo 7.º ano do Liceu. Era, como se diz hoje, hiperactivo e por isso tinha participação constante nas iniciativas culturais que iam acontecendo em Vila Real, que, nessa época – e recorro ao testemunho de um dos mais jovens escritores do Movimento, José Dias Baptista, antigo seminarista a quem António Cabral dedicava grande amizade e frequentador também ele da tertúlia da Pastelaria Gomes (lembramos que a Pastelaria Gomes abriu em 1952, a Cervejaria que a complementou em 1957 e o Café Toca da Raposa, para onde se deslocavam muitas vezes à noite, em 1960) – «Vila Real era então muito mais do que qualquer outra cidade ou vila trasmontano-duriense, um pólo de cultura invulgarmente dinâmico». E que, no espaço de «diálogo, troca de experiências e socialização», a tertúlia tornara-se notada e deixara obra.

Eduardo Guerra Carneiro participaria em 1962 nos Prémios Literários do Clube de Vila Real (iniciativa que se sucedeu aos Jogos Florais organizados por esta mesma instituição), onde seria distinguido, à semelhança de outros colaboradores da revista, como Edgar Carneiro, Ângelo do Carmo Minhava e Carlos Alberto da Silva Coutinho. Refira-se que foi conferencista, no acto de distribuição dos prémios, Porfírio Augusto Rebelo Bonito e que participaram na comissão coordenadora e/ou nos diferentes júris Alberto Miranda, António Cabral, José de Aguiar, Domingos Monteiro e José Gonçalves de Oliveira. Eduardo Guerra Carneiro foi ainda responsável, com Maria Jorge Vilar, António Tavares Teles e José Vasconcelos Viana, pela “Página de Jovens”, que se publicava no jornal *A Voz de Trás-os-Montes*, grupo que – à semelhança do “Clube do Gancho”, uma outra associação vila-realense fundada em 1959, que reunia pessoas que frequentavam na sua grande maioria a Pastelaria Rosas, à volta de um projecto cultural e recreativo, cheio de ideias avançadas e um certo toque político – surge como corolário de uma eleição presidencial, em que o candidato da oposição,

Humberto Delgado, deixou marca profunda. Sobre o “Clube do Gancho”, diremos ainda que teve como presidente Alberto Botelho, filho do mandatário concelhio da candidatura de Humberto Delgado (em que participaram activamente, para além de conhecidos antifascistas, diversos estudantes ligados às actividades culturais da cidade, como Maria Jorge Vilar, António Tavares Teles, Pompeu Cramez, Jorge Rocha, Eurico Figueiredo, Alberto Botelho) e reuniu aproximadamente 90 associados, entre eles alguns dos participantes no Movimento Setentrião, como Raul Branco, Pompeu Cramez e Alberto Miranda, e colaboradores como António Cabral (que presumimos ser o responsável pelo suplemento cultural “Mercúrio” do Jornal *O Gancho* – de que saíram três ou quatro números –, sob o pseudónimo de Acab).

José Gonçalves de Oliveira, a quem Carlos Loures diz ter sido confiada a responsabilidade de arquivista do grupo, dado ser uma pessoa extremamente metódica, teve uma presença discreta, já que era «o único que tinha filhos para criar». Ascenso Gomes lembra-o também como responsável por algumas deslocações a Lamego, às Caves da Raposeira, pois Gonçalves de Oliveira era o representante local dessa marca de espumantes, assim como das Caves Aliança e do Licor de Singeverga.

De fora, veio, como já se disse, Carlos Loures, um escritor surrealista da tertúlia do Café Gelo e também interessado em pintura e teatro. Veio para Vila Real como responsável pela Biblioteca Itinerante da Fundação Calouste Gulbenkian, que aqui se instalou no início de 1962. António Cabral, que o conhecia da Revista *Pirâmide*, confia-lhe a responsabilidade de coordenador do n.º 2-3 da revista e também de organizar uma antologia de poesia trasmontana e alto-duriense, trabalho este que foi em grande parte realizado até Julho de 1962, altura em se ausentou de Vila Real com uma festa de despedida que incluiu um lanche ajantarado em que participaram grande parte dos seus amigos vila-realenses, seguido de, para alguns, um passeio com passagem pelas minas de ouro de Jales. Foi também animador de diversos projectos culturais que permitiram projectar o Movimento pelo menos até 1970.

Falta referir, como uma das principais figuras do Movimento, António Cabral, sacerdote, a quem era dirigida toda a correspondência destinada ao Movimento, para o apartado 205, e responsável pela gestão da Minerva Trasmontana, onde foram publicadas praticamente todas as edições do Movimento (a Revista, sete dos oito livros da Colecção Setentrião, a Folha n.º 1 da Colecção Setentrião / Documentos, Notas e Notícias e o terceiro e último número da Colecção Poesia do Círculo Cultural Ibero-Americano). Escritor de pendor neo-realista e extraordinário animador cultural, é reconhecidamente decidido e audaz a «enfrentar o dragão», expressão feliz com que um leitor designa as forças que se opõem aos seus projectos culturais. A Eduardo Guerra Carneiro responderia em entrevista para o suplemento literário n.º 451 do *Jornal de Notícias* de 25 de Outubro de 1962: «[a função do escritor é] procurar tenazmente a verdade, incorporá-la na vida e proclamá-la aos quatro ventos». António Cabral, mercê da sua formação, das muitas leituras e das relações literárias que cultivou, muito cedo viu abertos os seus horizontes. Muito boa figura, nunca evitou comportamentos de sociedade: perfumar-se, fumar, usar óculos *Ray-Ban*, frequentar a esplanada da Pastelaria Gomes, onde gostava de tomar por chávana o seu vinho branco, simulando, com a cumplicidade de um único empregado, tratar-se de chá. Pertenceu igualmente à confraria “De Pyjames”, acima referida. O seu *Volkswagen* verde, sempre a brilhar, facilitou as inúmeras deslocações que o Movimento, a tertúlia e o companheirismo exigiam. Nele foram, por exemplo, por diversas vezes ao atelier de Nuno Barreto no Porto e a Chaves combinar uma entrevista com Nadir Afonso. Foram da iniciativa de António Cabral as reuniões havidas com o governador civil, Manuel dos Santos Carvalho – mal interpretadas aliás por alguns elementos do grupo, como Eurico

Figueiredo, por não lhes ter sido dado conhecimento prévio – para pedir apoio para a revista (que, para além de um patrocínio das Caves da Raposeira, só dispôs de uma comparticipação de 200\$00 por número, concedida pela Junta Distrital de Vila Real, dirigida pelo Dr. Carlos Sanches, um político do Estado Novo mas simultaneamente homem de cultura e professor, a quem viria a ser dedicada a antologia de poesia de que já falámos). Recordamos que nessa reunião recebeu do governador a resposta: «Se a revista for da situação, apoio; se for neutra, tolero; se for da oposição, proíbo.» Ascenso Gomes recorda ainda outra reunião com o governador, com o objectivo de obter meios para a criação de um cine-clube (que já garantiria o apoio do Cine-Clube do Porto). Santos Carvalho terá respondido que não poderiam contar com o apoio do Governo Civil, mas que, se quisessem ver cinema, tinha ali um filme sobre Nossa Senhora de Fátima que lhes podia emprestar.

António Cabral era nessa época um homem do teatro e da poesia. Em carta dirigida a José Dias Baptista diz: «Olha, eu por aqui ando, a falar sobre poesia, todos os dias. A poesia ainda é uma das boas formas de passar o tempo. Ao menos, a gente evade-se e não tem que atender a umas tantas porcarias que a vida nos depara.»

Poucos dias antes da saída do primeiro número da Revista, dirige nova carta àquele seu grande amigo, onde exprime de forma exemplar as expectativas por este novo projecto: «Sabes que, dentro de três dias, vai sair em Vila Real a melhor (!) revista portuguesa de cultura e arte? Chama-se Setentrião...»

A aceitação nacional da Revista, independentemente das dificuldades financeiras e contexto político, superou as expectativas de António Cabral. Indiferente às adversidades e à censura, procurou, embora sem êxito, dar sequência aos dois volumes publicados. Mas as reservas levantadas pelo governador confirmaram-se. Os apoios da Junta Distrital de Vila Real terminaram com a transferência do Dr. Carlos Sanches para Coimbra, em 1968. A imprensa local fez silêncio sobre a Revista, não publicando nenhum dos três jornais de Vila Real qualquer notícia sobre ela – com a excepção, incompreensível e descontextualizada, de um agradecimento pelas foto grafias de barros de Bisalhães (que ilustravam a capa do n.º 1 da Revista), «gentilmente cedidas pela Revista SETENTRIÃO» para a primeira página do Jornal *Ordem Nova*, de 21 de Outubro de 1962, que remetiam para um artigo sobre a necessidade de apoiar os oleiros de Bisalhães (recorde-se que João Dixo e Nuno Barreto, acompanhados do escultor Manuel Pestana, haviam estado nesse mesmo mês em Bisalhães a estudar detalhadamente as condições de trabalho dos oleiros).

Ao n.º 1 da Revista *Setentrião*, publicado em Janeiro de 1962, com coordenação de Nuno Barreto, António Cabral, Vasconcelos Viana e Eurico Figueiredo, deram colaboração, para além destes, Edgar Carneiro, Casimiro de Brito, João de Araújo Correia, Cabral Pinto, Maria Teresa Horta, Vasco de Lima Couto, Rebelo Bonito, Luís de S. Telmo, Dinis Chaves, João Moura e Ângelo Minhava, tratando temas tão diversos como música, teatro, cinema, filosofia, filologia, ou publicando peças literárias (conto e poesia).

O n.º 2-3, publicado em Junho de 1962, sob a coordenação de António Cabral, Eduardo Guerra Carneiro, Ascenso Gomes e Carlos Loures, como no número anterior responsáveis por alguns dos artigos, recebeu colaboração de natureza semelhante à do número anterior, de Edgar Carneiro, Serafim Ferreira, Félix Cucurull, Manuel de Castro, Maria Rosa Colaço, Fernando Midões, M. P. O., José Aguilar, Guillem Colom I. Ferrá, Juan Antonio Malaret, Máximo Lisboa, Rolando A. Vega Jordán, Francisco Delgado, António Ramos Rosa, Belmiro Guimarães, Sérgio Lemos Rebelo (pseudónimo de Carlos Loures), José Batista, Enrique A. Martinez, Luís S. Telmo,

Mário Cruz, a que se juntaram ilustrações de Paulo Pina, Nuno Barreto, Javier Blau (pseudónimo de Carlos Loures) e Helena Salvado Loures.

Mas tão importante como o conteúdo destes dois últimos números, o que mais chamou a atenção e mais alegria trouxe aos intelectuais vila-realenses, nomeadamente a António Cabral, foi a adesão, certamente pela mão de Carlos Loures, ao C.C.I.A. – Círculo de Cultura Ibero-Americano, um movimento literário que se propunha intensificar as relações culturais entre os países de idiomas ibéricos, que se encontrava em organização e tinha como representantes em Portugal a Revista *Setentrião* e em Espanha os Cadernos Literários *Ponent*, de Palma de Maiorca, que no seu n.º XXIII, da Primavera de 1962, faz referência à adesão da revista portuguesa. Refira-se igualmente que o C.C.I.A. era responsável por uma colecção de poesia que editou três livros, sendo o terceiro de Carlos Loures, *Arcano Solar*, editado durante a sua presença em Vila Real, com composição e impressão na Minerva Trasmontana, e que se propunha publicar, entre muitos outros escritores, António Cabral e Eduardo Guerra Carneiro. Círculo que teve como presidente o escritor catalão Fèlix Cucurull e fundadores pelo lado de Portugal Carlos Loures, António Cabral, Máximo Lisboa e Egito Gonçalves e a sua sede situada, a título provisório, desde 25 de Novembro de 1962, em Vila Real, na Rua D. Afonso III, n.º 6, 1.º andar (onde vivia Máximo Lisboa, técnico da Biblioteca Itinerante da Fundação Calouste Gulbenkian que veio substituir Carlos Loures e que teve também participação no Movimento Setentrião).

Como se disse, os coordenadores do Movimento Setentrião, não quiseram limitar-se à publicação da revista homónima, tendo lançado a Colecção Setentrião, em que saíram oito livros, edições de autor, com o objectivo de «agrupar numa força única todas as obras literárias que forem publicadas em Trás-os-Montes e Alto Douro, interessando-se especialmente por aquelas que se distinguirem pelo seu realismo humano». Isto é, veladamente, manter uma atenção sobre os problemas sociais numa linha de rumo de oposição possível.

Publicaram-se no âmbito da colecção oito livros, bem como uma folha volante de divulgação, *Colecção Setentrião / Documentos, Notas e Notícias / Folha n.º 1*, de Janeiro de 1964, onde encontramos um excelente artigo assinado por António Cabral (que era certamente o grande animador da colecção, a ponto de se predispor a facilitar financeiramente algumas das edições), intitulado “Neo-regionalismo”, complementado por uma nota em que se refere não ser linha directora da colecção, embora se admita poder determinar a criação dum núcleo neo-regionalista dentro da referida colecção.

Livros publicados:

1. *Poemas durienses*, 1963, poesia, de António Cabral. Ilustrado com linóleos de Nuno Barreto, que é também autor da capa.
2. *Negro sobre Negro*, 1963, poesia, de Granjo de Matos. Nota introdutória de António Cabral. Capa de Ascenso Gomes.
3. *Uma varanda sobre o Rio*, 1963, contos, de José Aguilar. Capa de Manuel Ribeiro.
4. *Terra Fria*, 1963, poesia, de Miguel Montes, pseudónimo de José Dias Baptista. Nota introdutória de António Cabral.
5. *Neve*, 1965, teatro, de Carlos Alberto. Nota introdutória de António Cabral.
6. *Algas e deuses*, 1965, poesia, de José Magem, pseudónimo de Joaquim Barros Ferreira.
7. *Poemas do silêncio e da distância*, 1966, poesia, de Telmo da Fonseca.

8. *Antologia da Poesia Contemporânea de Trás-os-Montes e Alto Douro*, 1968, organizada por Carlos Loures. Ilustrações de João Dixó (que é igualmente autor da capa), Nuno Barreto e Nadir Afonso.

Como atrás se disse, Carlos Loures desenvolveu a maior parte do trabalho relativo a esta antologia durante a sua permanência em Vila Real, e terminou-o em Tomar, um ano antes da sua publicação. Usando um critério marcado pela sua subjectividade de organizador, antecipou-se a eventuais críticas, citando no prefácio o poeta brasileiro Manuel Bandeira, que, no pórtico da sua *Poesia do Brasil*, escrevera: «A verdade é que nenhuma antologia pode por si só representar a poesia de um país: para isso, são necessárias algumas antologias.»

Encontram-se representados na antologia: Afonso de Castro (1897), Domingos Monteiro (1903), Manuel Pinto (1903), Fausto José (1903), Miguel Torga (1907), Alberto Miranda (1912), Edgar Carneiro (1913), José Gonçalinho de Oliveira (1916), Nuno Teixeira Neves (1922), António José Maldonado (1924), Bento da Cruz (1925), Alfredo Margarido (1928), António Borges Coelho (1928), Maria Augusta Ribeiro (1931), António Cabral (1931), Néilson Vilela (1933), Granjo de Matos (1935), José Barcos, pseudónimo de José Barros da Costa (1936), Francisco Dias Cordeiro (1941), Miguel Montes, pseudónimo de José Dias Baptista (1941), José Magem, pseudónimo de Joaquim Barros Ferreira (1941) e Eduardo Guerra Carneiro (1942).

A importância desta antologia foi reconhecida numa referência na 17.^a edição da *História da Literatura Portuguesa*, de António José Saraiva e Óscar Lopes, de 1996.

O ano de 1968 foi o último de publicações no âmbito do Movimento, que, no dizer dos seus principais protagonistas, privilegiou a tertúlia, «o espaço mais arejado» de todas as suas discussões literárias, intelectuais, políticas. A falta de apoios e a censura foram mesmo capazes de acabar com a revista. António Barreto e Eurico Figueiredo, demasiado envolvidos em projectos políticos, seguiram o caminho do exílio em 1963 e 1965, respectivamente. As polícias políticas dos dois países ibéricos foram igualmente capazes de acabar com o projecto do Círculo Cultural Ibero-Americano. A PIDE e a Brigada Social trataram de meter na prisão Carlos Loures e Félix Cucurull, respectivamente. Por realizar, ficaram também alguns projectos pensados no âmbito do Movimento Setentrião: um documentário cinematográfico sobre um motivo trasmontano (nunca explicitado); um ciclo de teatro moderno; uma antologia de poesia portuguesa neo-realista, primeira e segunda gerações, idealizada em 1969/70, a realizar pela Colecção Setentrião em parceria com a Colecção Nova Realidade, de Tomar; um projecto de criação de secções de iniciação cultural, apresentado por António Cabral no V Encontro da Imprensa Cultural, realizado em Guimarães em 1969. (Estes Encontros da Imprensa Cultural tinham sido iniciados em Coimbra em 1962, ano em que participaram entre outros Carlos Loures, António Cabral e Eduardo Guerra Carneiro, e devem ter sido um dos mais interessantes e vigiados observatórios da movimentação intelectual em Portugal.)

António Cabral, por sua vez, aproveitaria como factor positivo deste Movimento a primeira oportunidade que o 25 de Abril lhe proporcionou, lançando em 1976/77, com um conjunto de pessoas em que se incluíam jovens intelectuais, o Núcleo Cultural Municipal de Vila Real – que publicou a Revista *Tellus* (para a qual chegou a ser pensado o título de *Setentrião*, ideia logo abandonada), que ainda existe e vai publicar em breve o seu número 50, e de que foi primeiro director – e os Cadernos Culturais, e projectou a reposição da Colecção Setentrião, nome que também veio a ser preterido em favor de Colecção *Tellus*.

Vila Real, 12 de Fevereiro de 2009